



**A PROSTITUIÇÃO DAS POLACAS JUDIAS NO INÍCIO DA REPÚBLICA
BRASILEIRA: UMA ANÁLISE SOBRE REPRESENTAÇÃO FEMININA**

**THE PROSTITUTION OF JEWISH POLES IN THE EARLY BRAZILIAN REPUBLIC:
AN ANALYSIS OF FEMALE REPRESENTATION**

Adrieli Rodrigues Ferrari

Isabela Barrio¹

Resumo

O ano de 1867 é considerado um marco em relação à chegada ao Brasil de mulheres judias da Europa oriental, conhecidas como “polacas”. A palavra “polaca”, termo genérico e depreciativo para referenciar as prostitutas do leste da Europa, representava a imagem da mulher pobre, principalmente a judia, advinda de regiões agrícolas pouco industrializadas, em particular dos países que seguiam a tendência do tráfico de mulheres na época citada, como a Europa Oriental e a Europa mediterrânica. Estas fugiam da pobreza na qual se encontravam em suas aldeias, causada pela desagregação das comunidades camponesas com o avanço do capitalismo. Nesta pesquisa, propõe-se analisar as características da prostituição branca de mulheres judias no contexto sócio, político e econômico brasileiro, em particular no Rio de Janeiro, nas décadas finais do século XIX e início do século XX, suas formas de organização e solidariedade, bem como o modo como eram representadas em dois jornais cariocas da época – O Carbonário e Almanaque d'a Manhã. Por meio deles observamos posturas diferentes em relação àquelas que ocupavam as periferias da cidade e sofriam as mazelas do aliciamento e da exploração, como as vivenciadas pelas polacas. Uma mesma cidade e geografia, mas com realidades muito distintas estabelecidas pelas condições sociais e financeiras de seus habitantes, que acabavam refletindo nos posicionamentos dos periódicos.

Palavras-chave: Prostituição; Polacas; Brasil; Solidariedade; Jornais

Abstract

¹ Graduandas do 4º ano de História do UNISAGRADO – Bauru/SP. Este artigo apresenta os resultados da Pesquisa de Iniciação Científica (PIVIC) realizada na referida instituição sob a orientação da profª Drª Lourdes M. G. C. Feitosa.



The year 1867 is considered a milestone in relation to the arrival in Brazil of Jewish women from Eastern Europe, known as “Poles”. The so-called “Poles”, a generic and derogatory term to refer to prostitutes in Eastern Europe, represented the image of the poor woman, especially the Jewish woman, coming from such under-industrialized agricultural regions, particularly from countries that followed the trend of trafficking in women at the time cited, such as Eastern Europe and Mediterranean Europe. They fled the poverty in which they found themselves in their villages, caused by the breakdown of peasant communities with the advance of capitalism. In this research, it is proposed to analyze the characteristics of white prostitution of Jewish women in the Brazilian socio, political and economic context, particularly in Rio de Janeiro, in the late 19th and early 20th centuries, their forms of organization and solidarity, as well as the way they were represented in two newspapers from that time - O Carbonário and Almanaque d'a Manhã. Through them we observed different attitudes in relation to those that occupied the outskirts of the city and suffered the ills of grooming and exploitation, such as those experienced by the Polish. The same city and geography, but with very different realities established by the social and financial conditions of its inhabitants, which ended up reflecting in the positions of the journals.

Keywords: Prostitution. Poles. Brazil. Solidarity. Newspapers.

Introdução

A veiculação de periódicos no Brasil tem seu início tardiamente, em 1808, em um contexto de conflitos internacionais, onde as guerras napoleônicas encontravam-se em andamento na Europa e ameaçavam, através da invasão militar, Portugal e a Dinastia de Bragança, que em meio a essa crise geopolítica embarca para o Brasil. Esta colônia portuguesa era privada, até então, de um contato mais amplo com a palavra impressa. Com a chegada de Dom João VI às terras portuguesas na América, vê-se desenvolver a tipografia, que após um longo período de embargo a respeito de sua utilização, torna-se possível o funcionamento dos impressos, ainda que bastante restrito a notícias políticas vinculadas ao Império. (MEIRELLES, 2015, p.09)

Com estas transformações, a produção textual limitada foi substituída por uma ampliação do exercício da escrita, sua publicação e o compartilhamento de ideias disseminadas naquele período. Se anteriormente o país vivia em isolamento intelectual,

a partir daquele momento a imprensa legitima as trocas culturais entre os países europeus e realça a necessidade de um desenvolvimento intelectual brasileiro a fim de aproximar o Brasil do almejado progresso e alinhamento cultural e econômico com as nações europeias.

Por meio do aumento da veiculação de jornais há um gradativo estímulo para que as pessoas aprendam a leitura e escrita. Segundo Gomes e Lapechino (2008, p.07), no decorrer do século XIX ocorre uma quebra de paradigma em que se percebe a necessidade de abranger um público maior de leitores a fim de desconstruir o elitismo presente nas páginas dos jornais em veiculação e alcançar a população como um todo. De todo modo, uma prática comum no cotidiano da época era o hábito do compartilhamento de informações através de leituras coletivas, o que acabava por divulgar as notícias dos jornais aos iletrados por meio da oralização. Nessa conjuntura, por meio da palavra falada ou impressa, o público informado alcança novas proporções. (GOMES; IAPECHINO).

A partir da primeira metade do século XIX, torna-se comum a veiculação de periódicos específicos para determinadas camadas da sociedade, principalmente tendo em vista a propagação do desejo de liberdade de expressão pelos intelectuais e culturalistas. A possibilidade de expressão livre é oficializada em março de 1821 por meio do Decreto sobre a Liberdade da Imprensa assinado por Dom João IV, que impunha a responsabilidade ao escritor pela publicação de suas ideias, como citado no documento: “todo cidadão pode, conseqüentemente, sem dependência de censura prévia, manifestar suas opiniões em qualquer matéria, contanto que haja de responder pelo abuso desta liberdade nos casos e na forma que a lei determinar” (1821, p.22).

Este decreto afirmava a liberdade de imprensa como um dos sustentáculos essenciais do então Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Apesar disso, fazia-se necessário justas barreiras ao abuso na manifestação, embora não ficasse explícito as situações definidas como abusivas. Posteriormente, já após a independência, uma Carta de lei apresentada à Assembleia em 1824, assinada pelo Imperador Dom Pedro I, esclarece esta situação no Código de crimes e penalidades, no qual se reafirma a liberdade de manifestação dos pensamentos e delimita como crimes públicos injúrias e



calúnias, crimes de segurança interna do Império, crimes contra a existência política do Império, contra o livre exercício dos poderes públicos e ofensa à moral pública, tipificando-os como tal se fossem apresentados por impressos destinados a mais de 15 pessoas. Tais crimes podiam, nesses casos, ser puníveis com prisões e multas. (CARVALHO, 1996, p. 02)

Até metade do século XIX, os jornais tinham reduzida circulação fora das principais cidades brasileiras, conseguindo pouca penetração no interior do território. As dificuldades também se encontravam presentes em relação ao contato com o exterior, que até então era inexistente, fruto da implantação tardia da imprensa. Esse contexto sofre modificação no decorrer do século XIX, na medida em que a imprensa artesanal vai sendo substituída pelas empresas jornalísticas. (CARVALHO, 1996, p.04)

O século XIX é marcado pela transição de uma sociedade colonial que gradativamente cede espaço para a formação das cidades “burguesas”, que até então tinham como função principal a exportação de produtos, motivo pelo qual grande parte das cidades se concentravam no litoral, tendo sua economia pautada no comércio de exportação. Caracterizavam-se pela pequena delimitação territorial e por comportar uma modesta parte da população, cuja localização principal se dava no espaço rural, nos latifúndios.

Segundo Saes (2008), em decorrência da associação entre o setor comercial e as indústrias nacionais a função das cidades se transforma, passando da exportação de produtos a núcleos comerciais, que por sua vez impactou no crescimento do mercado interno nacional e no estabelecimento das relações comerciais. Em conjunto às transformações desse contexto, se estabelece um novo grupo social composto por fazendeiros e comerciantes que atuando no mercado em desenvolvimento, buscaram diversificar suas formas de investimento, favorecendo o desenvolvimento do grande capital urbano, ou seja, o investimento em ferrovias, indústrias e empresas.

Deste modo, durante a segunda metade do século XIX, a diversificação de investimentos econômicos se expande pelo território brasileiro e as cidades sofrem grande impacto e buscam vias para a modernização de suas estruturas tendo como



referencial os padrões das cidades da Europa. Nesse sentido, investiu-se no aperfeiçoamento da iluminação e no alargamento das ruas, além da construção de cafés, teatros e hotéis com fachadas suntuosas que refletissem esse contexto de desenvolvimento.

O Rio de Janeiro, então capital do Império, foi o local da primeira grande eclosão industrial em território brasileiro, liderando os avanços econômicos e, conseqüentemente, configurando-se como o centro da modernidade composta pelo avanço do comércio, o aumento das atividades urbanas, pelas construções e indústrias, apresentando a formação da elite urbana pautada na importação e exportação de produtos.

Nesse contexto, caracterizado pela passagem de uma economia colonial para as bases estruturais capitalistas, emerge a necessidade por parte do Estado de suprir rapidamente a necessidade de mão-de-obra que se encontrava no setor da exportação cafeeira, promovendo para tal uma política de imigração, o que posteriormente também acarretaria na contribuição desses trabalhadores para o setor industrial. (BLASS, 2002)

Ainda que na esfera do trabalho não houvesse apenas trabalhadores imigrantes, mas também por indígenas e negros que se encontravam inseridos nas atividades industriais desde o início de sua formação. Após a abolição da escravidão, os trabalhadores assalariados tiveram um aumento gradativo em seus números, intensificados pelos imigrantes europeus que chegaram ao Brasil com a esperança de “fazer a América”, ou seja, objetivando o enriquecimento nas terras sul-americanas.

Nessa conjuntura, com a presença de operários imigrantes, com a acumulação de capital advindo das lavouras cafeeiras e a concentração da população em núcleos urbanos, estrutura-se a classe operária, que coloca em discussão aspectos relacionados ao meio do trabalho através de publicações de jornais, abordando as suas reivindicações. Durante as décadas finais do século XIX, vê-se aumentar gradativamente a fundação de jornais, muitos deles relacionados a assuntos de cunho político, coincidindo com a vinda do operariado imigrante.



Diante deste quadro, busca-se investigar o desenvolvimento e as características da prostituição no contexto sócio, político e econômico brasileiro, em particular no Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do XX, e analisar acerca dos mecanismos de preservação cultural das “polacas” judias estabelecidos pelas mesmas durante o final do século XIX e início do século XX. O intento é pesquisar as imagens construídas a respeito das prostitutas, em particular das “polacas”, nos Jornais Carbonário e Almanak do Correio da Manhã, e por meio da bibliografia referentes ao tema desta pesquisa.

Os Jornais Carbonário e Almanak do Correio da Manhã

São analisados os periódicos Carbonário, de 1886-1888, e o Almanak do Correio da Manhã, no período de 1912. O Carbonário encontra-se inserido na perspectiva discutida, que visa, através de suas páginas, reagir às “ruínas e desgraças que desencadêa no seio da pátria” (Carbonário, 1881, p.01). Iniciou a sua publicação em 1881 e acompanhava a vertente de caráter popular em voga na época, utilizando-se de uma linguagem de fácil compreensão e informal, tendo em vista o grande público popular a que era destinado, como informado na primeira página de seu primeiro número:

Há a necessidade, portanto de pequenos jornais, que, traduzindo a opinião do povo, se esforcem pela realização de suas aspirações, pela conquista de seus direitos, pela amplificação de suas liberdades(...) O carbonário é mais um...vem opinar ao lado de seus irmãos pela vitória popular.

Por meio das páginas do Carbonário é possível perceber, além da exposição de aspectos relacionadas ao governo, a veiculação de ideias sociais, sendo possível observar a gradativa participação popular e suas percepções através da circulação de assuntos de interesse dos trabalhadores.

Em relação ao segundo periódico, o Almanak do Correio da Manhã, este destinava-se a um público diferente do primeiro. Mais do que atingir a população trabalhadora, vislumbrava a família de classe média carioca. Almejava difundir textos



literários, por vezes mencionava assuntos ligados à política e à questões relacionados aos principais centros urbanos da época como o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, com destaque para assuntos de caráter político e moralizador.

Ainda que constituído de diferentes características, os periódicos em questão convergem nas temáticas que serão relevantes para o desenvolvimento dessa pesquisa, principalmente ao adentrar no assunto a respeito da mulher na sociedade, suas normas de comportamento e seu lugar dentro desta. Tema que por vezes não se apresenta de maneira direta em certas passagens, mas que está imbricado nos textos que os integram.

A utilização de periódicos como fonte histórica durante muito tempo foi percebida com receio por conta do aspecto subjetivo de seus discursos, entretanto, com as inovações da nova historiografia da chamada Escola do Annales, que colocou em pauta a relevância da utilização de novas perspectivas como fonte histórica, os jornais passam a ser compreendidos como importante material para compreensão do passado. (OLIVEIRA, 2011)

Nesse sentido, os periódicos, enquanto documentos históricos, não devem ser percebidos como um reflexo da realidade da qual se encontram inseridos, mas como documentos que apresentam perspectivas daqueles que os produzem - seus interesses, discussões e anseios, em um cenário de diálogo e embates entre os variados grupos sociais, sendo muito rico para o estudo pelo historiador.

Justificativa da pesquisa

Na historiografia clássica positivista, a qual se pauta na utilização de documentos oficiais, a participação da mulher na história é vista de forma passiva, destinando-se a ela uma posição secundária, retratadas sempre à margem dos grandes feitos masculinos. De acordo com Michelle Perrot (1998), as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história. Com as judias a historiografia não é diferente, elas são retratadas, frequentemente, como líderes comunitárias na sociedade religiosa as quais pertencem ou como vítimas do holocausto.



Durante a metade do século XIX, imigrantes judias se estabelecem nos centros urbanos da cidade do Rio de Janeiro saindo da Europa com a promessa de uma vida melhor, contudo, acabam tornando-se prostitutas. O estudo da realidade delas na sociedade brasileira, em particular no Rio de Janeiro, na passagem do século XIX para o XX, produz uma nova possibilidade de análise histórica onde elas são protagonistas. Entretanto, apesar de possuírem uma participação importante na construção histórica do imigrante judeu no Brasil, pouco se sabe sobre a história dessas mulheres, principalmente tratando-se de uma classe de mulheres as quais exerciam uma profissão considerada imoral tanto para o grupo de judeus como para os padrões carioca da época.

Deste modo, através de uma análise plural da história, almeja-se mostrar como as polacas foram retratadas na história brasileira através da utilização de impressos, empregando-lhes um carácter individual entre as mulheres judias por meio da observação de jornais e revistas referentes ao período em que ocorria a atuação delas nas zonas de meretrícios da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, foi utilizado o periódico Carbonário, que através das colunas com participação do público possibilitou vislumbrar de maneira mais direta a concepção popular a respeito da prostituição, em particular das “polacas”. Por outro lado, ao colocar em perspectiva a representação feminina, o comportamento moralmente aceito pela sociedade e as mudanças sociais em busca da “modernidade”, foi oportuno a utilização do periódico Almanak do Correio da Manhã, que abarca em suas páginas um compilado de textos e notícias anual.

Fontes e Métodos

O carbonário foi composto estruturalmente visando uma fácil leitura, dispendo de artigos e comentários em colunas específicas desde o início de sua publicação em 1881 até o fim em 1890. Nesse contexto oitocentista, os periódicos em circulação buscavam justamente suprir o baixo índice de alfabetização através da fácil linguagem utilizada, além do uso de primeira pessoa facilitando a compreensão dos ouvintes quando lida em voz alta, sendo uma prática comum dessa época.



Disposto em quatro páginas e sendo publicado duas ou três vezes na semana, o Carbonário é subdividido em colunas na primeira página normalmente compostas por assuntos políticos, visando especialmente os assuntos locais, que faziam parte e afetavam de maneira direta o cotidiano da comunidade. Por conseguinte, são apresentadas notícias sobre as ruas principais e posteriormente a coluna livre, destinado às exposições das opiniões dos moradores locais e onde as denúncias mais recorrentes sobre a prostituição são visíveis.

Com destino às camadas populares, o conteúdo do impresso era organizado da seguinte maneira: as duas primeiras folhas eram dedicadas principalmente à publicação de notícias de alta relevância social, com temas políticos e econômicos de âmbito tanto regional como nacional, tratados em longos artigos. Nas outras páginas aparecem pequenas e diversas notícias que abordavam acontecimentos locais, onde é possível destacar a seção livre e a coluna Fatos e Boatos, que eram constituídas por pequenas notas assinadas anonimamente, contendo denúncias sobre os assuntos do cotidiano regional.

O Jornal era organizado de forma simples contendo um cabeçalho no início da primeira página com o nome do jornal, o dia, o ano, a cidade de publicação, assim como o número da edição, os dias da semana em que eram publicados e o seu valor. Todavia, a partir de 1885 começa a ser citado o nome do editor responsável - João Manuel Soares da Silva, e segue este padrão até 1886, onde deixa de ser citado. As matérias eram dispostas em colunas e nos anos iniciais o jornal não apresenta fotos ou desenhos, sendo perceptível a presença de pequenos desenhos ilustrativos apenas após o primeiro ano de sua publicação.

O periódico Carbonário destinava pouco espaço aos anúncios publicitários, os quais eram apresentados no jornal ao final da quarta e última página apresentando, usualmente, no máximo três anúncios. O impresso ainda apresenta em seu cabeçalho, em letras pequenas, duas frases: a primeira trata-se de uma parte de um provérbio popular “Quem não quiser ser lobo...”, referindo-se ao ditado “Quem não quer ser lobo



não lhe vista a pele”, assim como uma frase em Latim “Lex omnibus”, que significa “a lei é para todos”, deixando, deste modo, visível aspectos do caráter político e popular do jornal.

Diferente do Carbonário, o Almanak do Correio da Manhã teve início em 1912 e era de publicação anual, tendo sido publicado até 1914. O impresso foi fundado inicialmente por Edmundo Bittencourt, que era um advogado. O jornal destaca-se devido ao seu aspecto considerado modernizador no período, o progresso brasileiro e a proposta de acompanhar as mudanças de seu tempo, e projetar uma imagem idealizada dos valores e comportamentos de grupos de classe média da época.

O impresso era constituído por, em média, 292 página, dividindo-se em seções nas quais eram apresentadas algumas narrativas, poemas, sátiras e alguns textos informativos. Os discursos apresentados no jornal são apresentados em uma linguagem formal, porém bastante simples, com o objetivo de atingir, além do público feminino, a família carioca. Contudo, diferente do O Carbonário, o Almanak do Correio da Manhã apresenta grande presença de publicidade, as quais muitas vezes ocupam uma página inteira do jornal como é caso da Pack Royal, uma loja de departamento carioca localizada na rua do Ouvidor destinada a acompanhar a moda e os hábitos da elite.

Em ambos os periódicos Almanak do Correio da Manhã e o Carbonário, é possível encontrar informações em relação às questões sobre a prostituição feminina e das Polacas judias no contexto social, político e econômico do Rio de Janeiro da época. Em O Carbonario é possível verificar notícias sobre as polacas, os caftens e a prostituição pela cidade por uma perspectiva popular, enquanto no Almanake do Correio da Manhã temos uma visão elitizada da sociedade carioca, tendo em vista os padrões de vida e feminilidade europeus idealizados às mulheres brasileiras mais abastadas e no qual as referências às polacas eram usadas como exemplo de atitudes e comportamentos a serem evitados pelas mulheres de boa índole.



O Carbonário

As rotas do tráfico de mulheres que eram destinadas à prostituição, apesar de não serem claramente visíveis, são apresentadas constantemente nas páginas do Carbonário com evidência para a estreita relação com Buenos Aires, um dos principais centros dessa atividade criminosa. Como expõe Kushnir (1996), o Brasil, assim como a Argentina, tornou-se rota alternativa de ondas imigratórias por conta da tolerância das leis que restringiam a entrada dos imigrantes, viés contrário dos países europeus nesse contexto.

O monopólio do tráfico de escravas brancas na passagem do século XIX para o XX pertencia, segundo Vicent (2006), a chineses e japoneses, entretanto, as organizações de judeus que traficavam mulheres obtinham grande sucesso e se diferenciavam pelas escolhas dos grupos mais facilmente enganados, concentrando-se em mulheres e meninas judias iludidas por propostas de casamento religiosos. Uma das organizações bem-sucedidas nesse período é a Zwi Migdal, que estabeleceu operações em meio a vários países, mas que mantinha seu quartel-general em Buenos Aires, que por sua vez embarcava clandestinamente as mulheres e meninas rumo ao Rio de Janeiro e São Paulo, cidades nas quais eram prostituídas.

Mediante o estudo dos dois periódicos proposto nesta pesquisa, percebeu-se o público-alvo ao qual eram destinados e os valores cultivados em relação à figura feminina judia na sociedade carioca durante o período analisado. *A priori*, os estudos voltaram-se ao ano de 1886 do jornal o Carbonário, no qual foi possível observar um relativo aumento de citações em relação à prostituição, sendo esta duramente criticada, relacionando o ofício a um grande mal social.

Durante o ano de 1886, fica notável como se dá o ofício destas mulheres consideradas públicas, retratadas como mulheres estrangeiras provindas usualmente de países europeus, as quais eram exploradas pelos seus caftens nos bairros mais periféricos do Rio de Janeiro. Neste ano é possível contemplar inúmeras notícias e denúncias da população local sobre a atuação dos caftens e também a cobrança social para que o governo tomasse de medidas punitivas a respeito das ações realizadas



nesse ofício. Em novembro, na secção livre do Carbonário, ocorre a publicação de uma notícia denunciando uma cafetina de origem estrangeira:

Mora na casa n. 12 da rua dos Andradas uma velha caftina portugueza famigerada prostituidora de quanta rapariga por alli chega. Esta infame mulher tem sempre a maltratar sua casa três e quatro meretrizes a fazerem o ganho das janellas, tirando com isso enorme lucros. Está rica, tendo desgraçado muitas daquellas que lhe cahem nas unhas. Não haverá polícia que isto veja? (CARBONARIO 1886. vol 91. p 04).

No decorrer da análise do ano de 1887 percebe-se que, assim como em 86, cobrava-se uma ação governamental eficaz contra o que consideravam um problema social, solicitando uma fiscalização mais eficaz a respeito da prostituição carioca. Relatos sobre as rotas realizadas pelos caftens tornaram-se mais comuns, assim como a aparição de caftens judeus que exploravam as mulheres judias. Ainda assim, são raras as citações a respeito da mulher judia no periódico, uma vez que elas apenas trabalhavam para os caftens, ficando evidente através de uma notícia publicada na primeira página no dia 21 de março com o título de Moralidade Pública

Lemos um artigo da Gazeta da Tarde em que se pede ás autoridades policiaes o fechamento das casas das meretrizes ás 10 horas da noite. Como se vê é uma medida que se pede a bem da moralidade publica, que, valha a verdade, anda tão descurada nesta côrte que melhor fôra não tocal-a, que proporcionar-lhe medidas incompletas. Sobre este assumpto, por muitas vezes termos externado opiniões preconcebidas, não podemos agora deixar passar sem algumas reflexões, aquelles que suggere a *Gaveta da Tarde* Fechar as casas ou lupanares, em que se expõe, dia e noite, essas depravadas mulheres, que fugindo ao trabalho e a honestidade se chafurdaram no lodaçal do vicio ; nos parece uma necessidade tão palpitante, como furtar as vistas curiosas e insontes as torpezas que immundam os corpos ou lugares. Fechar porém essas casas, ás 10 horas da noite quando durante o dia até essa hora1 ellas mantem-se abertas e as suas inquilinas em insultuosa exposição, ferindo de horrores as vistas da casta donzella e da honesta matrona, que tem de transitar pelas ruas da corte, é uma medida tão incompleta, que de nenhum modo attenua o mal, que pretende banir , Ainda deve estar em vigor um regulamento policial prohibindo a exposição de mulheres publicas nas janellas de seus lupanares, e esse ou outro veüando-as de passeiarem pelas ruas da corte em carros descobertos. Porque não se o faz cumprir? A



Fecharem-se as portas ás 10 horas da noite, fôra preferível que a essas horas cilas fossem abertas; porque assim, ficaria ao menos guardado para as trevas o espectáculo repellente, quo durante o dia, sem o menor vislumbre de pudor, se exhibe nas ruas mais freqüentadas desta capital. E' sem duvida triste, hediondo e perigoso o espectáculo da prostituição, a que assistimos todos, irremissivelmente. Os lupanares invadiram tudo ;as familias que podem fogem para os arrabaldes, deixando o coração da cidade entre a essas mercadoras dos gozos inaculadoras dos vicios transmissora da shypilis. Capua moderna, em a luxuria enervante está aniquilando uma raça, entregue aos prazeres do sensualismo, Se não acreditássemos nos bons sentimentos dos poderes públicos, diríamos que elles estavam assediando o pudor, a honra e o brio, pela licença com que permitem ao vício ostentar se. Deante do quadro desolador das miserias que vemos, não basta a medida de fechar-se as portas dos lupanares ás ,10 horas da noite ; é necessário que ellas estejam fechadas sempre; que as mulheres públicas não insultem a pobresa honrada como a honestidade em qualquer con^ com o quadro deprimente e perigoso de suas desordens ; que as nossas vergonhas sociaes não estejam expostas é luz do sol, ferindo primeiro que tudo ás vistas curiosas e horrorizadas do es- tranjeiro que nos visita. Não basta fechamento de portas ás 10 horas, nem cortinas vermelha, nem ou- iras iguaes meias medidas; -é preciso medida completa para attenuar o mal que se tenta esconder. Se legislássemos, essa peste que nos atrophia soffreria uma cura e não um palliativo. (CARBONÁRIO, 1887, vol .129, p.1)

Durante um segundo momento do desenvolvimento da pesquisa, foi analisado o ano de 1888 do periódico *Carbonário*, como estabelecido no cronograma anterior, o qual apresentou, no geral, a mesma estrutura dos anos anteriores, sendo disposto os artigos e comentários em colunas paralelas. Entretanto, uma das mudanças significativas foi o aumento das publicações semanais, passando a ser impresso três vezes por semana.

Em meio às publicações de opinião popular, o termo “polaca”, referindo-se às prostitutas escravizadas anteriormente nos conventilhos de Buenos Aires, aparece no impresso pela primeira vez no dia 25 de abril, na coluna Fatos e Boatos com autor desconhecido, presente desde o início da circulação do jornal: “Adelia, polaca, cor morena, olhos negros, bocca rasgada, voz de taxo. Chegou ha pouco de Buenos-Ayres e está na rua do Lavradio. Tem caften, dizem, e veio de um conventilho em que haviam”



(CARBONÁRIO, 1888, Vol 49, p.2). Esse termo, embora apareça de maneira escassa, vem acompanhado da descrição física dessas mulheres, de suas condutas sociais e, por vezes de suas origens.

Estas morenas, de olhos negros, consideradas mulheres públicas, eram percebidas como menos prejudiciais à sociedade do que os próprios *caftens*², que as traziam. Nas páginas do Carbonário, essas perspectivas se tornam explícitas quando as figuras femininas são colocadas como depravadas e inconvenientes, e os caftens como uma corja de nacionalidade estrangeira, principalmente, que vivia às custas da exploração dos corpos dessas mulheres:

os caftens trazendo de Buenos Ayres uma legião de mulheres depravadas que aqui vêm ser escravas delles. Ultimamente tem chegado umas dez ou doze; são as que se acham em diversas rótulas desta rua, não contando com as da rua da Carioca. Os moradores desta rua estão vendo as suas casas de negocio mal paradas, e as habitações obrigadas a terem as janellas fechadas para não assistirem ás scenas escandalosas que se passam.

Alguns morador. (CARBONÁRIO, 1888, vol.63, p.3)

A temática relacionada à higienização social, vinculada à existência de doenças com o exercício da prostituição, torna-se cada vez mais frequente nas páginas do ano de 1888. Fica perceptível uma transição de perspectiva relacionado ao vínculo dessas mulheres com a transmissão de doenças por meio de uma notícia apresentada/ em abril de 1888, intitulada “Hygiene”:

Hontem encontramos em uma rua desta corte um moço completamente inutilisado para o trabalho, todo syphilitico, todo rheumatico, com as partes visíveis do corpo cobertas por grandes chagas de mau character: finalmente, em um estado tal que faria lastima e dó. A victima de taes soffrimentos, entre angustias e dores, disse-nos. — Isto que vedes é a consequencio das relações mantidas com uma rapariga que ahi anda pelos theatros— a Positivista. Ficamos horroisados. Em nosso paiz não ha ; infelizmente, um regulamento para a prostituição, que sujeite, como em toda a parte, as mulheres a revistas sanitárias periódicas. Por isso

² *caften* é o indivíduo que escraviza mulheres neste fim do século XIX. O cáften é o homem que vive ocioso, traficando comodamente com a moça ignorante que vai arrancar ao seio da culta Europa. O cáften é o miserável que explora a crápula, assoalha o vício, empunha a chibata, e arranca sangue e ouro da carne das mulheres sujeitas ao seu senhorio (FERREIRA DA ROSA, 1896, P.22)



as Positivistas, as Amelias Faíscas, as Lucias, ahi andam, fóra dos hospitaes, quando deviam estar servindo para o estudo das enfermidades syphiliticas na Academia de Medicina !. Lamentamos a sorte do pobre moço, que antes conhecêramos gordo e sadio, activo, intelligente e trabalhador, hoje, porém completamente inutilizado. Chega a ser triste e doloroso!(CARBONÁRIO, 1888, vol 45, p. 2).

Deste modo, é notável uma transição de perspectiva relacionado ao vínculo dessas mulheres com a transmissão de doenças. A princípio, os lugares considerados imorais tinham o grande foco, modificando-se posteriormente para a figura da prostituta como transmissora de doenças venéreas

Nesse sentido, mediante o estudo dos periódicos propostos na execução do projeto, foi possível verificar a presença da comunidade judaica nas zonas de meretrício, sendo esta representada no jornal Carbonário pela figura das polacas e dos caftens como exemplificado no Carbonário de 04 junho, por meio de uma notícia escrita de maneira anônima intitulada Rua Gonçalves Dias, referindo-se ao endereço do prostíbulo:

Está nesta rua, em uma portinha, da casa n.10 a Adelle, polaca, que veio de Buenos Ayres trazida por um caften., E' uma mulher escandalosa e cynica, que mesmo alto dia, quando estão a passar os bonds cheios de familia, está a botar homens para fora e para dentro de casa. Esta mulher em Buenos Ayres era escrava de conventilho, e como todas as da sua laia, é o que ha de peor no genero. Parece que a policia devia ir ali obrigal-a a ter mais cautela no seu desbragamento. E' o que exigem das autoridades competentes.

'As famílias que passam nos bonds. (CARBONÁRIO, 1888, vol. 65, p.4).

Ao analisar o ano de 1888 do Carbonário, verificou-se diversas aparições de notícias relacionadas às prostitutas estrangeiras, entre elas as polacas, as quais eram apresentadas como escravas brancas. É possível observar nas informações deste ano várias passagens citando a presença tanto de homens quanto de mulheres de origem judaica nas páginas do impresso. Algumas dessas aparições ocorre na coluna denominada Fatos e Boatos, escrita por pessoas anônimas ao jornal, como é o caso do dia 5 de outubro em que aparecem duas citações sobre as mulheres judias que atuavam nas zonas de meretrício:



Até que enfim, a Angelina deu com o quartel mestre na rua. O diabo da judia tem praga de caften sobre as costas, tanto que tendo se atirado a sobrado da rua do Lavradio, agora está em charutaria da rua de Gonçalves Dias. O' mulher caipora (CARBONÁRIO, 1888, vol. 117, p.2).

Uma dos judias de que falamos está na rua dos Arcos n. 23, onde se ha de confirmar a liquidação que começou no Louvre. Depois, o caften dos bonets, e a Leonor da rua Sete, tomarão conta da escrava extraviada. (CARBONÁRIO, 1888, vol. 117, p.2)

Ainda no ano de 1888, nos dias 5, 8 e 10 de outubro, é possível observar três trechos relativamente grandes nos quais são mencionados dois cáftens, sendo um deles judeus, considerados um mal para a sociedade de acordo com o jornal, apresentados na matéria intitulada “Um caften bem cynico”. Nesta, cobra-se da polícia atitudes que encerrem as atividades libidinosas realizadas por esses caftens:

Um ousado e patife caften, que precisa ser conhecido pela policia é um segeito que usa óculo; e anda quasi sempre em companhia do famoso Mauricio.. O tal sujeito chega á perfeição de meter-se no fundo do seu conventilho á rua Sete para regular os negócios da sua amante ou escrava, e tal é o seu descaramento, que chega a tomar d' essa victima, na própria ocasião que recebe o dinheiro que lhe dão. Com taes dotes d'alma com tão subidas qualidades para o caftismo, tem ganho tanto dinheiro que já hoje tem alguma cousa de seu. cousa de seu. Mais é um perigoso, pois que no fundo da casa não será difficil armar ciladas aos incautos que são attrahidos pelos sorriso de sua amante.s Pelo que a policia deve vigial-o e fazel-o proceder melhor, pois que pelo modo porque procede torna-se digno de deportação. (CARBONÁRIO, 1888, vol. 117, p.2)

Do caftismo, já não nos resta mais nada a dizer ; nem mesmo que ha por ahi uns sujeitos, que sendo uns verdadeiros réos de policia, se occupam em naturalisar caftens, para que elles posam impunemente exercer a industria sem o receio da deportação para fora do imperio. Ha igualmente entre caftens, procuradores e traficantes um miserável judeu de nome Maurício, typo pequenino e hediondo de refugio das sociedades gastas, o qual já tem o titulo de brasileiro, de eleitor e que em breve pretende ser autoridade. Esse é o chefe, o padre da seita caften; casa e descasa, compra e vende -mulheres: e é o correspondente e o protector de todos os bandidos. Mas é inútil insistir nestas minuciosas denuncia porque contra os que negociam com a



prostituição das mulheres não ha denuncias, nem ordem, nem leis. Um facto significativo e que vem em apoio da nossa ascerção é o seguinte :Havia na rua da Conceição uma celebre Portugueza Roza dos Meninos, caftina um facto semelhante aquele que luiza foi victima Roza dos Meninos ha pouco mais de um anno foi denunciada, houve processo e foi deportada so e foi deportada. Pois ha já dois mezes que Roza voltou clandestinamente, trazendo comsigo o contrapeso de duas escravas, que estão no ganho das janelas. E não houve como fazer com que a deportação tenha cumprimento.Por estas e outras razões é que se dão casos como este em que é victima a Luiza e outras que tem enchido as hospedarias de meninas até de boas familias (CARBONÁRIO, 1888, vol. 118, p. 1,2)

E' provável que esse famigerado explorador das prostitutas continue a estar mettido nos fundos fundos da casa da sua infeliz escrava, a rua Sete de Setembro, para d'ahi melhor exercer severa fiscalização nos

lucros quotidianos da sua escrava no vicio. Companheiro, amigo e compatriota de Mauricio,o cynico judeu incendiário, que é o pontífice da, seita, não deixa, de ser tal qual o seu mestre e chefe. Nós porém havemos de prevenir aos incautos d'essa cilada permanente armada á bolça dos mesmas, e ate á segurança de cada indivíduo que desprevenidamente penetra no dito lupanar. Não tem ainda conhecimento do nome d'esse patife, nem do da sua escrava ou amante mante, nem tão pouco conservamos de memoria o numero da casa; mas taes esclarecimentos obteremos em breve para expor nestas columnas. Com isso, não prevenimos somente a immoralidade e a infâmia de que nenhum poder tem curado nesta corte ; prevenimos também os perigos que correm todos os que em boa fé possam transpor os umbraes daquela casa do vicio, e talvez do crime

E é um serviço a boa ordem e a moralidade. (CARBONÁRIO, 1888, vol. 119 p. 2).

Em 1888 a coluna fatos e boatos e a secção livre tornam-se um território fértil para a verificação da presença dessas mulheres nas zonas de meretrício do Rio de Janeiro como é o caso do dia 10 de setembro onde fala-se de uma mulher judia trazida de Buenos Ayres para ser explorada no Brasil como prostituta

Aqui ha tempos fallou-se de um atrevido caften, de nome Felipe, que aparentava explorar a profissão de alfaiate, mas que era effectivamente o senhor de uma mulher judia, moradora á rua da Carioca n. 80. Pois este sujeito acaba de fazer uma bilontragem muito das suas cordas.Conseguiu seduzir e reduzir a escrava sua, uma outra judia, que morava também na rua da Carioca. Com ella embarcou-se pois, para Buenos-Ayres, furtando-a aos cuidados de um amante que tinha aquella mulher, a qual vae, como é de praxe chrismar-se e casar-



se eom o patife n'aquella republica, de onde voltarão ambos a esta corte para explorarem a prostituicao. Foi uma de mestre, mas mestre de bilontragens, não mestre alfaiate. (CARBONARIO, 1888, vol 106, p.3)

No dia 03 de outro aparece uma passagem na coluna fatos e boatos comentando de forma anônima sobre duas judias que passaram por diversas casas “Precisamos de saber notícias das duas judias que estiveram no Louvre e depois foram morar em casas diversas, e se os caftens que as trouxeram ainda as deixam por muito tempo no *demi monde*. Olhem o incendiario Maurício, pequenas” (CARBONÁRIO, 1888, vol. 116, p.2).

O Almanak do Correio da Manhã

Diferentemente do Carbonário, o Almanak do Correio da Manhã tinha a sua publicação anual, utilizando nos textos dispostos uma linguagem formal, porém simples, o que indica o público a quem é destinado, a classe média letrada. Em meio aos versos poemas e sátiras, a temática feminina aparece com frequência, mormente contendo nos discursos um caráter moralizador, ensinando, por vezes, por meio de atitudes consideradas como erros de comportamentos, atitudes que deveriam ser evitadas, tais como a incompreensão das atividades extraconjugais do marido, denotando além disso as atitudes que uma mulher íntegra deveria tomar.

Em meio às 292 páginas de conteúdo que compõem, o Almanak divide-se em seções destinadas ao público feminino e à família em sua totalidade, expondo nesse contexto informações sobre as principais cidades da época, dentre as quais São Paulo e Minas Gerais. Em suas páginas, demonstra o que considera ser o progresso brasileiro, na maioria das vezes tomando como referência os países europeus, e as vantagens para a classe imigrante:

S.Paulo desenvolveu-se em vinte anos, com tal rapidez e força, que Bem se póde dizer que o seu progresso é norte-americano. Era uma cidadezinha conhecida. Nesse tempo mais pela faculdade de Direito e pelo alarido de seus estudantes, que lhe davam vida. Tudo tinha a solenidade calma das cidades do interior. Os jornaes traziam poucas noticias, assim mesmo breves. Um acontecimento de importância universal era noticiado em duas e três linhas. Agora não. Agora, são



Paulo é uma cidade febril, de trabalho ruidoso. Lá estão a sua indústria colossal, o seu commercio importantíssimo a attestal-o e o seu jornalismo para afirmal-o. as antigas casas de typo colonial, num só plano, acanhadas, umas contra as outras, em ruas estreitas e escuras, desapareceram, para dar logar ao surgimento de grandes construcções modernas ou graciosas(...). (ALMANAK, 1912, p. 70)

Ao tratar da imigração, destacado como estando em um terceiro período voltado a fornecer mão de obra à lavoura de café e colonizar os terrenos incultos, descreve sobre as vantagens oferecidas pelo governo como incentivo:

O governo dá em condições favorabilíssimas um lote de terra, e auxilia o colono na aquisição de utensílios. Cada núcleo tem, nos primeiros anos um diretor tecnico, que superintende ai cultivo, a um campo experimental, e guia os colonos nos trabalhos agrícolas. Desde que todos os terrenos estejam pagos, o núcleo é declado emancipado, isto é, isento da fiscalização do governo. (...) Elles podem, em poucos anos, tornarem-se senhores de uma propriedade, que cresce sempre de valor e dá bom rendimento. (ALMANAK, 1912, p. 85)

O período em que o periódico se insere, de 1912, se constituiu como um dos importantes momentos marcados por reformas urbanas, possuindo como referência principal a capital francesa, o que gerou o fenômeno de afrancesamento das principais cidades desse contexto. Tal questão é abordada em artigos do Almanak que faziam comparações entre o Rio de Janeiro e Paris, colocando em discussão os fatores de aproximação e distanciamento cultural entre as duas cidades. Nesse sentido, um artigo intitulado Paris e Rio destaca:

Surgindo rapidamente de uma juventude fogosa será para o futuro, Paris Americano. O Rio será o Paris americano, em razão do progresso educador da sua mocidade. (...) Que distancia separa agora as duas cidades admiráveis? que barreira as desune, as desunirá ainda? Encaremos-las paralelamente:

O Rio tem um milhão de habitantes. O Rio tem avenidas externas. O Rio tem jardins, arrabaldes, monumentos, curiosidades e indecorosidades. O Rio tem tudo que fará dele um inferno monumental. Mas, a paisagem da cidade carioca é dolente, monótona. A população não vem a rua – e quando vem é por pouco tempo – o justo oposto da população parisiense que amanhece na rua, vive na rua, come nos restaurantes, dá enfim a



grande cidade um movimento enervante, enlouquecedor. (ALMANAK, 1912, p. 230)

Dentre as pautas levantadas relacionadas as comparações entre o Rio de Janeiro e Paris, pode-se destacar as sugestões de reformas que deveriam ser realizadas pela sociedade carioca nos âmbitos dos hábitos e do caráter, para de fato o Rio se tornar Paris, dentre as quais:

- 1° Esquecendo as tradições dos tempos coloniaes.
- 2° Obrigando-se ao trabalho, consecutivamente, ao trabalho manual, ao trabalho das officinas;
- 3° Indo ás ruas, aos cafés, aos restaurantes, aos theatros.
- 4° Amando a arte, lendo, olhando a cocotte como uma mulher commum, aborrecendo a politica.
- 5° Usando o lema philosophico da franceza: “A vida é curta: logo, gozemos.
- 6° Sendo egoista. (ALMANAK, 1912, p. 34)

Junto às questões das cidades, a temática feminina e os avanços do período apareciam de maneira constante, seja em propagandas ilustradas ou em meio aos textos. Destes, pode-se destacar as publicações do Parc Royal, loja de artigos de vestuário para senhoras e meninas que representava, através das várias peças e procedência dos produtos, o avanço material e desenvolvimento urbano. Localizava-se na área nobre do Rio de Janeiro e se configurava como o epicentro do sonho de consumo carioca.

Além da questão citada, ressalta-se também os textos que colocavam em pauta o comportamento feminino tendo em perspectiva a modernidade e a cultura francesa. Um exemplo evidente é o uso da cigarrilha pelas damas da sociedade e como este se constituía como prejudicial ao encanto dos gestos corporais femininos. No entanto, para a utilização do mesmo pelas mulheres é dado como conselho que estas usem como os livros que apenas folheiam, ou seja, apenas aparentemente “como uma branca varinha incandescente duma aproveitável elegância”. (ALMANAK, 1912, p.35)

Em analogia a tal questão, a figura feminina é colocada como constituída por amor e virtude, atitude esta que segundo os textos em questão seria contrária ao comportamento de fumar, sendo um direito reservado ao homem. Várias são as passagens que colocam a mulher como passiva, alheia aos assuntos em discussão,



dentre os quais o uso da cigarrilha como um livro que apenas se folheava e não lia, observação segundo o olhar masculino, destacando uma postura dúbia, ora positiva ora negativa, da mulher perante a sociedade:

De resto a mulher é amor - a virtude - e o cigarrilho é o vicio. O seu maximo prazer é o beijo, e, á suprema frescura dos seus labios, deve repugnar a tostante combustão. Fumar será o nosso direito, mas beijar é o seu dever. Entre o beijo e o fumo, o mais empedernido fumador não hesitaria; mesmo, porque nós, com o cigarro, não fazemos mais do que entreter a saudade do vosso beijo. Lembrae-vos, que para fumar basta ser homem, e para saber beijar é preciso ser mulher. Por isso, senhoras, apague o cigarro, e accendei o beijo... (ALMANAK, 1912, p.37)

Entretanto, ainda que tais passagens se apresentem nos textos do Almanak com o olhar masculino enviesado, de estranhamento ou jocoso em relação às mudanças no comportamento das mulheres, outros textos destacam algumas reivindicações históricas, como o congresso internacional organizado por Olympia de Gouges³ dispondo a tradução de um trecho de uma de suas cartas postais de propaganda distribuídas em Estocolmo: “O’ mulheres, quaisquer que sejam as barreiras que se vos opponha, depende da vossa vontade transpol-as ou não; a questão é querer (Declarações dos direitos da mulher e da cidadã. Marie Olympia de Gouges (1748-1793)” (ALMANAK, 1912, p.17).

Cabe ressaltar, nesse sentido, que durante as primeiras décadas do século XX, o Brasil vivia a primeira onda do feminismo, que já havia ocorrido nas últimas décadas do século XIX na Inglaterra, onde as mulheres se organizavam pela busca de seus direitos, dentre os quais o voto (PINTO, 2010) . Imbricado nas páginas do jornal é possível vislumbrar algumas ideias que se encontravam em circulação a respeito de tal temática, como no trecho do texto intitulado “Pontos oppostos”, de Mario Alves:

Vossa Excellencia não se zangará, no emtanto, si eu, ao exemplo citado da mulher inculta e feliz, contrapuzer um outro - certa senhora á época emancipada da inferioridade do seu sexo, e que estalou de fome, graças

³ Marie Gouze, conhecida por Olympe de Gouges, (1748-1793) foi uma escritora, abolicionista, sufragista e feminista francesa, que divulgava suas opiniões através da escrita e peças teatrais. escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, em 1791, um apelo pela emancipação feminina no período da Revolução Francesa. Em 1793, foi guilhotinada por questionar os valores da época (ASSMANN, 2018, p.1)



á sua desenvoltura intellectual e ao cynismo de um marido feminista. (ALMANAK, 1912, p.12)

Por conseguinte, quando a figura feminina não se encontra retratada como um ser virtuoso, é por vezes apresentada discretamente com aspectos negativos, o que pode ser analisado nos pequenos poemas contidas nas páginas do periódico, como por exemplo o “Aphrorismo sobre a mulher”, que nas palavras do autor, a mulher “Bella ela te trairá/ Feia, te desgostará/ Pobre, te arruinará/ Rica, te dominará. (ALMANAK, 1912, p.29).

Ademais, o ano de 1912 do Almanak do Correio da Manhã pode ser diagnosticado como um periódico voltado para os temas presentes no cotidiano feminino da classe média. Por meio das páginas deste jornal, fica evidente que a mulher judia é pouco representada dentro das fontes estudadas, não havendo menção sobre as mesmas nos textos que o integram devido ao pouco protagonismo social dado a elas pelo periódico, ainda mais relacionado a uma classe de mulheres considerada à margem da sociedade.

Considerações finais

Por meio da análise do periódico Carbonário, foi possível verificar como as camadas populares as quais se destinava o jornal abordava a prostituição no Rio de Janeiro do início da república, em específico nos anos de 1886/87 e 88, a partir de uma visão do cotidiano popular do início da república. Constatou-se que a prostituição era duramente criticada, relacionando a profissão a um grande mal social. Apesar dos esforços da polícia carioca para acabar com as atividades relacionadas a esse ofício, descritos no jornal, ocorreu um aumento do número de mulheres estrangeiras no Brasil provindas de países europeus, que eram exploradas pelos caftens em diversas localidades do Rio de Janeiro. Verificou-se, também, por meio do estudo realizado sobre as rotas realizadas no tráfico de mulheres, que Buenos Ayres era citada com



muita frequência nas páginas do jornal como ponto recorrente de passagem das mulheres estrangeiras que depois chegavam até às zonas de meretrício do Rio.

Com ênfase na análise da mulher judia, muitas vezes retratada pelo periódico estudado como polacas, é averiguado uma forte presença de judeus nas zonas de prostituição, seja apresentado pela figura dos cáftens ou das prostitutas, as quais eram consideradas escravas brancas, tendo suas atividades quase sempre atreladas à figura do homem que as aliciava. Era esta figura dos cáftens que mais pareciam no jornal Carbonário, e as poucas referências às polacas mostram-nas como mulheres submissas e sem grandes representações, uma vez que o grande problema sentido pela comunidade que presenciava mais este universo da prostituição era o explícito desprezo pela figura dos aliciadores. Já o Almanak, direcionado para as mulheres da classe média carioca, focava na valorização da figura feminina idealizada, abordando ideais de maternidade e feminilidade inspirados no estilo de vida europeu. Nele, não há referências ou problematização da situação daquelas que ocupavam as periferias da cidade e sofriam as mazelas do aliciamento e da exploração, como as vivenciadas pelas Polacas. Uma mesma cidade e geografia, mas com realidades muito distintas estabelecidas pelas condições sociais e financeiras de seus habitantes, que acabavam refletindo nos posicionamentos dos periódicos.

Deste modo, concluímos que o uso destes dois impressos produzidos por grupos sociais diversos nos permitiu acessar crônicas da e para a história da mulher, uma vez que os jornais são ricos em informações as quais, muitas vezes, são as únicas que nos possibilitam refletir e trazer à luz memórias sobre alguns grupos em determinados momentos históricos.

FONTES

ALMANAK do Correio da manhã: Correio da manhã anual. Rio de Janeiro: Editora Correio da Manhã, 1912. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=157880>. Acesso em: 9 set. 2020.



CARBONARIO: órgão do povo. Rio de Janeiro, RJ: Typ.do Carbonario, 1886-1888. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/carbonario/332771>. Acesso em: 9 set. 2020.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Taynara Mirelle do Nascimento. “Madame Pommery”: a prostituição das polacas no Brasil, **Entrepalavras**, Fortaleza, ago/dez 2015.

ASSMANN, Selvino José. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã – por Marie Gouze, “Olympe de Gouges” (1791), **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 15, n. 1, fev. 2018. ISSN 1807-1384. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/54986>>. Acesso em: 17 de out. de 2020.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196 - 219, jan. - abr. 2020.

BLASS, Leila. A formação multicultural do trabalhador assalariado brasileiro: o invisível pertinente. In: Chaia, M. e Silva, Ana A. (Orgs). **Sociedade, cultura e política**. Ensaios críticos. São Paulo: EDUC, 2004.

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO: SÉRIE MEMÓRIA. **Imprensa Revolucionária: O jornal como agente politizador**. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

CALIXTO, Lunara Abadia Gonçalves. **Prostituição e judaísmo em O ciclo das águas, de Moacyr Scliar**. Arquivo Maaravi, Minas Gerais, 2014.

CAVOUR, Renata Casemiro. Mulheres de Família: Papéis e Identidades da Prostituta no Contexto Familiar. 2011. **Tese** (Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Guerreiras anônimas por uma história da mulher judia**. Proin, São Paulo, 2009.

CARVALHO, Kátia de. Imprensa e informação no Brasil, século XIX. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <http://dici.ibict.br/archive/00000179/01/Ci%5B1%5D.Inf-2004-510.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.



Decreto de 2 de março de 1821 - Sobre a liberdade da imprensa. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dim/DIM-2-3-1821.htm. Acesso em: 7 de out. 2020.

FERREIRA DA ROSA, Francisco. **O lupanar: estudo sobre o caitismo e a prostituição no Rio de Janeiro: primeira parte da série de artigos publicados n'O Paiz sob a epigraphe a "podridão do Vício"**, Rio de Janeiro, 1896. Revisão de Ayrton Gonçalves; prefácio de Verena Kael e Matilde Teles; arte e diagramação de Angely Fleitas. 1. reimpr. Rio de Janeiro: [s.n], 2009.

FRÓES, Anelise. Da escravidão ao protagonismo-trajetórias de mulheres judias de escravas brancas às sociedades femininas de ajuda mútua no Rio de Janeiro e Bueno aires no início do século XX. In: **Seminário internacional fazendo gênero 11 & 13 Womens worlds congress**. Florianópolis 2017.

GOMES, Valéria; IAPECHINO, Mari. A inclusão cultural letrada no século XIX: o papel da imprensa. **Revista Solettras**, n. 15. São Gonçalo: UERJ, 2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/solettras/15/a_inclusao_cultural_letrada.pdf. Acesso em 12 out 2019.

GRUMAN, Marcelo. A Prostituição Judaica no Início do Século XX: desafio à construção de uma identidade étnica positiva no Brasil. **Campos-Revista de Antropologia**, Paraná, 2006.

KUSHNIR, Beatriz. **Mulheres e Judias e Prostituição**. As Polacas e suas associações de Ajuda Mútua. Baile de máscaras. Rio Janeiro: Imago, 1996.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. **A família real no Brasil: política e cotidiano (1808-1821)**. Editora UFABC, 2015, 91 p.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930). **Historiæ**, Rio Grande, v. 2, n. 3, p. 125-142, 2011.

PINTO, Céli Regina Jardim. (2010), Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, pp. 15-23.

RAGO, Luzia Margareth. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo: (1890 – 1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SAES, Alexandre Macchione. **Vida urbana e capitalismo na modernização de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo na transição para o século XX. Anais XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**, São Paulo, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. **O Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



Ullmann, R. A. **Amor e sexo na Grécia Antiga**. Porto Alegre: Edipucrs. 2005.

VINCENT, Isabel. **Bertha, Sophia E Rachel: A sociedade da Verdade e o tráfico das polacas nas Américas**. Tradução: Alexandre Martins. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumára, 2006. 246 p.